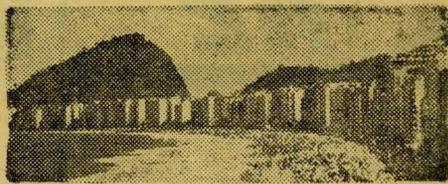


# CARTAS DO BRASIL



por CHIANCA DE GARCIA

## AD USUM DELPHINI

### ISTO É: — DO LEITOR HABITUAL DESTAS PROSAS DOMINICAIS

#### SE ME DÃO LICENÇA...

Não sei se o leitor já leu José Cardoso Pires (isto como quem diz: — você já leu Eça, Proust, Dostoiowski, Hemingway?) Tenho o palpite de que sim. O nosso «Diário de Lisboa» vale como jornal de elites. José Cardoso Pires é, pois, como sabem, autor de vários livros dos quais eu já conhecia pelo menos três. E sobre ele já falei nestas colunas. Mas, ai de mim, só conheço o autor do «Hóspede de Job» através das suas obras, enquanto o leitor, como bom lisboeta na activa sabe tudo a seu respeito: — como nasceu, como vive, de onde é filho, se é pobre ou rico, se tem automóvel, e nesse caso se o carro é considerado uma afronta pois escritor guiando carro (de tipo «sport») precisa de sólidos elementos para se justificar. É conhecido nas noites «chics» dos cinemas da moda? Viaja muito? Frequenta as mesas cosmopolitas do Casino Estoril? Isto sem falar na problemática romanesca, necessariamente espiolhada pelo sexo feminino. Pois é. Mas eu que vivo longe em cidades onde raramente chega a fama de um escritor português, apenas sabia isto: que existia alguém que colocava no alto dos seus volumes este nome para mim sem fanfarras, nem tambores: José Cardoso Pires. E foi, se não me engano António Pedro, o chefe generoso de «Livros de Portugal» quem pôs uma tarde, nas minhas mãos, entre uma porção de novidades, a primeira obra deste autor de quem o nome nem sequer me parecia fácil de fixar. José? Cardoso? Pires? Poderia dar certo com Camilo Castelo Branco? Com José Maria Eça de Queiroz? No entanto, ao chegar a casa, foi, o dele, o livro que escolhi. Em linguagem carioca de jogo-do-bicho posso dizer: — acertei no milhar. Li-o numa noite de ponta a ponta. Desde então nunca mais esqueci o nome de José Cardoso Pires.

#### FALO COMO LEITOR, ENTENDAM...

Primeiro que tudo seduziu-me a maneira de escrever. Eis um autor, pensei descobrir, que sem malabarismos de linguagem, sem invensões vocabulares, apenas com o uso do quotidiano lusiada e do hoje quotidiano universal consegue criar um estilo muito mais moeda-de-ouro-nacional do que, por exemplo, no Brasil, o estilo um tanto deliberado do mestre João Guimarães Rosa.

#### LIVRO VAI, LIVRO VEM...

Um ano depois li o «Hóspede de Job». Mais um ano em frente e abri feliz o «Anjo Anorado». Entre os dois trouxe-me o correio, se não estou em erro, a «Cartilha do Marialva». Acho que rabisquei algumas linhas falando sobre o que, na minha infância lisboeta, entendia por marialva. Pretexto egoísta para falar do passado. Mas José Cardoso Pires já era para mim um marco. Ou melhor, um farol aceso nas brumas, pisca-piscando uma luz nova na originalidade da língua literária portuguesa. Muitas vezes tenho indagado de patricios de passagem pelo Rio, e que mexem em negócios de arte e literatura: — O que me diz do José Cardoso Pires?

— Quem? Ah, sim. Conheço mal...

Sorriu. Mas ficou certo de que estão mal informados, ou de que nem sequer o leram. Estes equívocos têm velhas raízes, não é verdade?

#### O MILAGRE

Foi então que aconteceu a melhor das surpresas: as trezentas e sessenta e poucas páginas (uma página para cada dia do ano) do romance «O Delfim». Ei-lo, agora, lido e relido, diante dos meus olhos, indagando pela boca do humilhado peixe vermelho das «Tentações de Santo Antônio»:

— Que tal hem, que tal?

#### DEFINIÇÃO

No livro o autor se refere a si próprio como um senhor escritor. Ora acontece que o negó-

cio não está gráficamente exacto. Devia aparecer assim: Um SENHOR escritor. E ele o é, sem duvida nenhuma.

#### NÃO VOU CONTAR O LIVRO, NÃO...

Toda a obra se desenrola à beira de uma lagoa corada de mitos, nevoeiros e pássaros que se erguem da lama, do lodo e da respiração dos peixes que fervilham no fundo das águas. A beira da lagoa uma paisagem esquecida com restos de pedras romanas. E nas pedras, como um símbolo, a lagartixa, que é, ela própria um fragmento de pedra gerado em pedra... — perfeita na sua modéstia abstracta como a imagem de um tempo em que os anos escorrem alheios à mão do homem.»

#### PARENTESIS

— Desiludido-me sempre, hoje em dia, com certos escritores, encobertos pelos capuzes de todos os ismos, mais avançados ou mais esvaziados, e que tentam erguer turbilhões de insânia com a função de nos encobrirem o que não existe. São os romances da poeira. Os romances do vago, do indefinido, do irrealizado e que estão longe de se concretizarem em objecto, volume, bloco ou unidade, construções na verdade abstractas mas que as artes gráficas, página a página, vão erguendo no tempo e no espaço da nossa memória. Este é o meu romance. Mas dizem que passou de moda. O que no entanto é fácil de desmentir, e se comprova no Brasil, com a qualidade da prosa de João Guimarães Rosa. A melhor da moderna literatura brasileira. Ora foi exactamente nesta linha, embora no polo oposto, que me encontrei a ler, encantado, o novo romance de João Cardoso Pires: — «O Delfim».

Um amigo baiano a quem dei a ler o livro, disse-me ontem:

— Desde a mocidade quando li o Eça, nunca voltei a interessar-me, como agora, por um escritor português. Olhe, nem sei como explicar... o livro... é...

E saiu-se com esta:

— É tão belo como arquitectura!

#### MAS NÃO É SÓ ISSO

A novidade que desta vez nos traz José Cardoso Pires está no desenvolvimento e na força dramática do romance — busca inquieta de uma verdade que remexe em cinzas. «Mais vale dormir!», diz o caçador, depois de ter devassado o segredo de todas as brumas da lagoa. É que «O Delfim» gira em volta de duas mortes e das realidades que as provocaram, dando a possibilidade ao leitor de, entre mil fragmentos de conversas, descobrir o medo e o ódio nas razões de um ser humano dominado pelo imperativo das mortas vozes ancestrais dos senhores da Gafeira.

Tomaz Manuel da Palma Bravo, herói tatuado a fogo na imaginação de José Cardoso Pires, nasceu, em verdade, das páginas argutas da «Cartilha do Marialva». Mas digo eu, leitor:

— O Tomaz Manuel não é apenas a flor dos marialvas sempre-vivos. Dê-lhe o autor outro nome, coloque-o num outro país, que terá, é claro, de ser ou a Espanha ou a Itália, e o herói será idêntico. O problema de portugueses, italianos e espanhóis resulta de que todos nós fomos criados no mesmo catolicismo...

#### MAS QUE FAZER?

Sim, que fazer? Aqui vai a resposta. Está inteirinha na transcrição que vai a seguir do final do capítulo XXVI, desse admirável romance que é «O Delfim», de José Cardoso Pires:

— «A muitos quilómetros acima das nossas cabeças talvez neste instante um astronauta acabe de sair do seu casulo metálico e caminhe solto no espaço iluminado por torrentes de estrelas.»